

ONTEM E HOJE

Um sinistro paralelo entre a tórpe ameaça de Timor, de João Franco, e a Guiné, de Vitorino Godinho

João Franco ficou, para sempre, amarrado à lei 13 de Fevereiro. Timor foi a enxadada que lhe abriu, politicamente, o seu coval, foi a enxadada que cavou a sepultura do rei Carlos. Para que a monarquia tombasse apenas foi necessário, dois anos, depois derrubar alguns bancos da Avenida da Liberdade e enfiar algumas granadas por uma janela do Palácio das Necessidades. A morte do rei Carlos e do príncipe Luís Filipe, a cadaverização da política de João Franco e a queda da monarquia podem resumir-se no receio e na cólera que uma palavra evocava em todo o país: Timor. Foram essas deportações, feitas à sombra duma lei sclerada, quem deitou abaixo e para sempre um rei, uma monarquia e um político.

A revolução de 28 de Janeiro fôra facilmente vencida. A prisão de Afonso Costa e de meia dúzia de cúmplices fizera-se com simplicidade; nenhum deles ousou tirar do bolso as pistolas automáticas de que estavam armados. O exército ficou imobilizado, a marinha não teve uma audácia, mesmo platónica. A rua, cheia de pressentimentos trágicos, não fez um movimento. Em Lisboa, na Lisboa dos grandes comícios ruidosos, o silêncio era profundo; mas nesse silêncio gerava-se uma tragédia. Timidamente corria, em voz baixa, o boato de que os vencidos iam ser deportados para Timor. E, contudo, João Franco não tomara essa decisão. Mas se ele era o 13 de Fevereiro, era Timor...

Esse boato, que não era verdadeiro, exaltou os espíritos; exasperou-os, revoltou-os. O ditador foi vítima da sua reputação. As deportações ainda vinham, a pesar da data longínqua em que foram ordenadas, matar no Terreiro do Paço o rei Carlos e derrubar, na Rotunda, a monarquia.

Depois da morte do rei Carlos todos se afastavam de João Franco com o mesmo horror moral de quem evita a convivência dum assassino. Todos — incluindo a ex-rainha D. Amélia — o fiavam com rancor. E o ditador, vendo em todos aqueles olhos duros uma maldição e em todos aqueles lábios mudos a acusação: «foste tu quem matou o rei», desapareceu do paço, desapareceu de Lisboa, desapareceu da política, para sempre.

E esse homem, feróticamente autoritário, habituado a fazer vergar todos — inclusive o rei Carlos — sob a sua vontade indomável, fugiu com um receio cobarde dos olhos de toda a gente, fugiu com a celeridade duma lebre que viu, diante de si, apontada a espingarda dum caçador. E João Franco nunca mais foi vivo.

Somos implacáveis, mas somos justos. O nosso combate pela liberdade não tem por armas, nem a mentira, nem a calúnia, nem a hipocrisia. Sinceramente confessamos, sem nenhuma espécie de constrangimento, que esse homem odioso tinha talento e fôra, stritamente, honesto. Os seus crimes, que foram grandes, obedeciam a uma paixão política: queria salvar a monarquia à custa da sua própria vida.

A república não teve até hoje a coragem de publicar uma lei semelhante à de 13 de Fevereiro. Acovardou-se o receio de que a opinião pública se desforasse, com a mesma sangrenta violência que deitou abaixo a monarquia. A república, que tem sido quase exclusivamente o partido democrático, não quer dar a si própria o beijo de Judas.

Foi, por isso, que o partido democrático deportou, sem nenhuma aparência de legalidade, a república — o partido democrático que a monopolizou — deportou de surpresa. Timor hoje chama-se Guiné. João Franco tem o nome de Vitorino Godinho.

Revolta-nos e enoja-nos a comparação; é quasi invencível a nossa repugnância em estabelecer um paralelo entre o homem sinistro de Timor e o homem sinistro da Guiné.

João Franco nunca viveu à custa do Estado. Nunca o roubou. O amigo íntimo do capitão Almeida Pinheiro — um *escroc* que roubou 240.000 francos — tem sido um *souteneur* do Estado Em Paris, onde

ele esteve mais dum ano cobrando, sem nada fazer, honorários fabulosíssimos em oiro, recebia, tal era a sua voracidade, os proventos do cargo de professor do Instituto dos Pupilos do Exército que ele não desempenhava, explorando assim o Estado, em Paris e em Lisboa, em oiro e em escudos!

Vitorino Godinho nomeou-se a si próprio, aproveitando a circunstância de ser ministro, delegado do Estado na C. P. onde nada faz, em troca dum fabuloso ordenado. O ditador da república meteu as mãos ávidas no cofre do Estado e roubou-o sempre que pôde. Não foi um carrasco por convicção, foi um mercenário sem dignidade com instintos de carrasco.

João Franco tinha talento. A estupidéz de Vitorino Godinho é um dogma, mesmo para os seus correligionários.

A república aparece aos olhos do povo, como uma monarquia degenerada. Os que combateram João Franco e aplaudiram Vitorino Godinho ficarão na alma popular para sempre execrados. Sua consciência ficará para sempre atormentada, sua tranquilidade ficará para sempre perdida.

Timor foi uma maldição. A Guiné um dia será talvez um trágico arrependimento. Há lágrimas que têm uma força invencível, há crimes que só contribuem para a vitória da justiça, dessa justiça implacável e corajosa, que não treme nem hesita diante dum carrasco.

A "pobresa" dos industriais de padaria revelada por uma estatística eloquente

Num eco que publicamos há dias dávamos à estampa um alvitre dum manipulador de pão sobre a baixa do preço daquele alimento a que os jornais se referiram há tempos.

Um outro manipulador de pão, querendo prestar aos consumidores um precioso serviço, enviou-nos, para ser publicado com uma carta, uma estatística eloquente sobre as "perdas" dos industriais de padaria. Para não lhe roubarmos o sabor vamos publicá-la na íntegra:

"Nas notas e comentários do nosso jornal deparou-se-me há dias um alvitre dum colega meu sobre os lucros que dá o pão de 400 gramas. Uma vez que se fala no assunto era bom saber-se quanto ganha um industrial de padaria. Vamos fazer-lhe repartido quem quer que seja a refutar os nossos algarismos, que são o mais rigorosos possível. Para o nosso estudo tomamos por base uma padaria que cosa 5 sacas por dia:

"A uma saca de 75 quilos de farinha adiciona-se 40 quilos de água e 2 de sal, o que prefaz 117 quilos. Multiplicada esta quantidade por 5 (visto que são cinco sacas) consumo médio de uma padaria) teremos um total de massa a panificar de 585 quilos. Deste peso, extraída a parte a absorver pela cozedura, teremos 915 pães de 500 gramas e mais 50 quilos para a fabricação de pão de luxo, de pão de preço variáveis.

"Por esta média as despesas dum padaria são: farinha, 885\$00; salários e despesas diversas, 112\$00; quebras de vendagem e repêso, 59\$00; total 1.056\$00. A receita é a seguinte: 915 pães de 500 gramas a 1\$10, 1.006\$50; 50 quilos de pão de luxo, preço global, 182\$50; total 1.189\$50. Lucro líquido, portanto, por cada padaria, (média de 5 sacas) 133\$00.

"Se o pão for roubado no peso, compreende-se que o lucro dobra a parada.

"E contra esta "pobresa" que os industriais clamam, como fizeram há dias na sua associação de classe, resolvendo procurar por todas as formas que o novo decreto entre em vigor, nem que para isso haja que subornar algumas pessoas.

"Como a minha situação não é muito segura, é conveniente que o autor desta figura apenas como... Um manipulador de pão.

Estes industriais, por este caminho, não tardará que andem de alpargatas...

Nos Soviéticos

Um "complot" contra a Rússia

MOSCOU, 29. — Foi descoberta uma formidável organização de espionagem mantida pelo estado maior dum país vizinho dos soviéticos.

Vários documentos apreendidos indicam que os espões preparavam atentados contra caminhos de ferro, pontes e construções militares.

Foi inaugurada uma universidade chinesa

MOSCOU, 29. — Foi solenemente inaugurada a Universidade Chinesa, para a qual Radek foi nomeado reitor.

No seu discurso aquele propagandista vermelho declarou que a Universidade terá uma actividade puramente científica principalmente no domínio das sciências económicas.

Assinem Os mistérios do Povo

A SAÚDE DO POVO

Uma digressão por algumas dependências do hospital de São José, onde se respira um ambiente de tragédia

A sombria fisionomia do gabinete de trabalho do director dos hospitais civis causou-nos um forte estremecimento quando num relance o percorremos com o olhar. E a sensação foi mais forte porque descuidadamente seguíamos pelo refeitório da enfermaria de São Francisco quando um empregado menor com expressão grave, nos disse: — E' aqui o gabinete do senhor director. Quizemos não acreditar. Vociferar mesmo contra a blasfema que a indicação do empregado representava. A verdade, a dura verdade falava mais alto do que todas as nossas suposições. Era ali o gabinete do director dos hospitais que é também o director da enfermaria referida. Ele mesmo, mal nos viu assomar à porta, ergueu-se, e num convite gentil disse:

— Entrem, estou aqui!

As acanhadas dimensões daquele cacifo, a pobreza do seu mobiliário casam-se perfeitamente com a melancolia do gabinete. Apenas uma dessas mesas de operações que o vulgo conhece por "marquezas" destoava daquele conjunto.

Principiou aqui a narrativa do director dos hospitais:

— Eu não proporcionarei a Batalha um ambiente de fraque, como não negreici os cambiantes do quadro que os seus representantes vão apreciar. Tudo quanto aqui há apresenta-lo-ei com toda a sua vida real, com toda a sua grandesa se a possuir.

"Esta mesa de operações que os senhores vêm — prossegue — é, como que o produto da passagem por este hospital do sr. Ermete Pires, quando vítima dum atentado. Não possuíamos, então, uma mesa em condições para uma operação melindrosa como aquela a que foi sujeito aquele senhor! Sugeriu aos seus amigos a ideia da compra dumha, ideia que foi prontamente aceite. Vinte contos se destinaram a isso e com eles se compraram esta e mais duas mesas de operações que estão para ali.

Sáímos do cacifo onde uma atmosfera pesada nos incomodava, para entrarmos na ampla enfermaria de São Francisco, onde 92 enfermos esperam melhores dias. Se a primeira dependência nos tinha deixado uma impressão desagradabilíssima a desta é simplesmente aterradora.

Nunca supuzemos que fosse possível deixar-se chegar a este estado uma enfermaria das mais densas populações.

Camilo Castelo Branco que se horrorizou com o carácter lugubre da Relação do Porto, sentir-se-ia mais vigoroso se lhe fosse proporcionado o espectáculo de miséria que nos confrangeu.

O ambiente é sinistro. As condições da enfermaria já de si são más. Há pouca luz, mesmo muito pouca. As paredes e o tecto estão amarelados. O soalho negro, dum negrume que arreia. A agravar tudo estão conjuntos, grossas fendas anunciando outros tantos depósitos de percevejos. Sim, percevejos como o próprio director nos disse:

— No verão isto é invadido por uma

multidão de percevejos que nos aflije a todos — a médicos e a doentes.

— Mas o que quer o senhor que eu lhes faça? — comentou com veemência.

Continuando: — Onde tem sido possível fazer reparações não tem sido possível fazer reparações. O dinheiro não o quero para mim. Muito pelo contrário...

"As reparações aqui são muito profundas. Os telhados tinham que sofrer grandes melhoramentos para se conseguir que o estado em que isto se encontra fosse outro, fosse aquele que eu ambiciono...

"O problema é o dinheiro. Se me conseguirem a verba de que os hospitais precisam eu garanto que tudo isto será revolucionado.

— Que verba será precisa para esse empreendimento?

— Com 60.000 contos podemos fazer uma verdadeira revolução nos hospitais. Não se assuste nem assuste os seus leitores porque essa revolução seria apenas em sentido progressivo...

— Não era mais conveniente edificar com essa verba um novo hospital?

— Era, mas esse pensamento é utópico. O hospital tem tradições que dificilmente se venceriam, além doutras razões...

A conversação agora deriva para os progressos da cirurgia de que o dr. sr. João Pais fala com calor e proficiência.

Depois de passarmos pela retrete da enfermaria em referência, a que por decôr não fazemos alusão, tal o estado degradante em que o encontramos, fomos quasi arreমেados para o gabinete de esterilização a cargo do director da enfermaria.

Quasi que sucumbimos. E' um quarto sujo e nauseante, sem luz, sem ar, com uma fisionomia amarelada pela acção do tempo.

— E' aqui o gabinete de esterilizações?

O dr. João Pais de Vasconcelos, sempre solícito, respondeu-nos afirmativamente. Quis encobrir o perigo que representa a difícil função de esterilizar, mas não pôde.

As verdades, embora sejam dolorosas, não podem ocultar-se. Vem à supuração por muito escondidas que estejam; rompem o denso véu que as cobre num movimento violento e audaz.

O gabinete de esterilizações é, como ficou dito, o efeito da grande causa. Ela — não é demais acentuá-lo — será vencida com a materialização da ideia do director dos hospitais.

E com o pensamento fixado na sorte de tanto desgraçado que tem passado pelo hospital de São José, que tem respirado esse ambiente de tragédia, chegámos, depois dumha digressão por aquele labirinto de corredores, portas, salas, etc., à enfermaria — depósito do hospital.

O quadro aqui é mais pungente, mesmo mais sinistro. Para que não perca no colorido dar-lhe-hemos as honras doutra crónica.

PEL EXTREMO ORIENTE

Os chineses agitam-se contra as potências imperialistas

A tinta que serviu para redigir o tratado de Locarno ainda não estava bem seca, quando chegaram as primeiras notícias sobre a nova revolta chinesa, em Xangai e Pekim.

Resumamo-las: Devia-se reunir durante o corrente mês de Outubro uma conferência em Pekim sob a iniciativa americana, mas na véspera dessa conferência todas as províncias chinesas se revoltaram contra o governo de Pekim e o seu ditador Tchang-Tso-Lin. O governo de Pekim é acusado de ter certas complacências para com as potências imperialistas e neste momento forma-se uma *entente* contra esse governo, composta pelos generais Ou Pei Fou e Teng.

E' a segunda vez que o povo chinês tem uma arremetida contra as nações imperialistas que o exploram.

Será talvez conveniente lembrarmos ao operariado português os dados e os factos da primeira revolta chinesa.

No dia 30 de Maio passado a policia internacional de Xangai, fez fogo sobre uma manifestação de estudantes chineses que protestavam contra o assassinato dum trabalhador chinês. Foram mortos onze manifestantes.

Em sinal de protesto contra esta barbara agressão foi declarada a greve geral em Xangai, na qual tomaram parte 200.000 operários. As mercadorias europeias foram boicotadas.

A efervescência alastrou e poucos dias depois a China revoltada reclamava a abolição dos tratados que a escravizavam.

No dia 11 de Junho em Hau-Kow, passa-se o 2.º episódio desta revolta: os chineses penetram na concessão britânica. As tropas inglesas fazem fogo matando oito chineses.

No dia 21 de Junho em Shamem, uma ilha que forma a concessão estrangeira de Cantão, dá-se uma batalha entre os soldados europeus e os cadetes da Escola chinesa, tendo havido setenta mortos de ambos os lados.

O episódio mais importante desta primeira revolta foi, com toda a certeza, a vitória de Cantão. Foi essa vitória que fez dizer a Chamberlain no dia 18 de Setembro: "Os tempos mudaram. Precisamos adaptarmos-nos às novas circunstâncias."

Foi a derrota dos europeus em Cantão que obrigou as potências a deitar aos chineses esse osso a que chamaram a "próxima conferência". A revolta actual demonstra que os planos imperialistas se foram por água abaixo: não é com uma conferência que se aquilata a vontade de indepen-

dência dum povo. E' este o significado da revolta actual.

Prepara-se uma grande batalha

XANGAI, 27. — Afirma-se que as tropas do general cristão Feng se encontram reunidas perto de Sou-Chow-Fou e que está iminente uma grande batalha.

Já há vários dias que se previa que Ou Pei Fou atacava esta praça.

O início da conferência

Os telegramas de Londres dizem que a conferência internacional devia ter tido o seu início na 2.ª feira passada.

A este respeito o *Observer* escreve o seguinte:

"O governo chinês deu a conhecer a sua intenção de pedir maior liberdade na fixação dos direitos que a conferência de Washington prevê. Segundo esta última, os direitos actualmente de 5 % devem ser aumentados de mais 2 1/2 %, sobre os objectos de primeira necessidade e de 5 % sobre os artigos de luxo.

"A Inglaterra nunca se opôs ao desejo da China estabelecer uma tarifa superior a 5% ou uma escala de direitos, melhor distribuída e mais científica. Desde 1902 estabeleceu com a China um tratado, segundo o qual estes direitos seriam elevados a 12,5%, mas este nunca chegou a entrar em vigor.

E' provável que a conferência seja adiada

LONDRES, 27. — Prevê-se que, devido à situação militar na China, as potências adiem a conferência.

Tang-Chao-Yi, cognominado o "Balfour chinês", recusou a oferta de Wu-Pei-Fu para presidir à nova aliança, mas prometeu que se Wu e os seus aliados deitarem abaixo o governo de Pequim, colaboraria com eles.

A cólera na China

XANGAI, 29. — Em várias províncias da China está grassando uma violenta epidemia de cólera.

A liberdade de associação no Egipto

CAIRO, 29. — Foi publicado um decreto, obrigando todas as associações políticas a declarar no prazo de um mês a sua sede central e os seus filiados, sob pena de dissolução.

Todas as associações consideradas perigosas para o Estado poderão ser dissolvidas.

ANTE AS ELEIÇÕES

O operariado não quer ofender os partidos da esquerda política — porque a todos dispensa a mesma estima...

Nunca, como nesta época, os políticos de todas as *nuances*, desde as mais avançadas às mais retrogradadas, discutem tanto a Organização Operária. Estamos à porta das eleições. Uns adulam-na, com esperança de que as suas doces palavras influam no ânimo dos militantes sindicalistas e os levem a cometer o erro de no seio das massas proletárias fazerem a propaganda de determinado agrupamento político; outros, insultam-na.

A tática de todos eles, que não dá resultado — porque o operariado na sua maioria já os conhece tão bem como aos dedos das suas mãos — é incitar o operariado contra os seus militantes intransigentemente apolíticos. Porque? Porque os militantes honestos recomendam a abstenção eleitoral perante todas as correntes políticas.

Vêm os socialistas, como o sr. Manuel José da Silva, anteontem, no *Seculo*, e bramam para assustar o povo trabalhador: «Os dirigentes da Organização Operária são anarquistas e usam uma tática estúpida. Deviam manter-se neutros à propaganda eleitoral (para os socialistas manobram na vontade). A atitude desses dirigentes (porque não favorece os desígnios do partido socialista) é de traição aos interesses da classe operária».

Mas aparecem logo a seguir os da Esquerda Democrática. Esses sim, esses é que são amigos do operariado. Se este lhes desse o voto — não haveria mais perseguições, nem vida cara, nem monopólios, nem espancamentos nas prisões, nem abusos do patronato. Os patifes dos dirigentes operários, porém, é que, lutando contra o sufrágio, atraíam os interesses da classe operária...

E quando nós, que não votamos, que entendemos que nos processos de governo os políticos se equivalem, quando nós, repetimos, já estamos quasi convencidos de que os amáveis canhotos, onde ha criaturas tão simpáticas, seriam os únicos capazes de salvar isto — surgem os comunistas.

Eles é que trazem a nova tática revolucionária, eles é que desinteressadamente querem proteger o operariado, eles é que inventaram a nova fórmula político-social — propondo-se agir da mesma maneira, sem tirar nem pôr, que os seus terríveis adversários "canhotos" e socialistas. Sim, a sua fórmula nova é... pedir votos ao operariado, como pedem os "canhotos", chamar traidores aos militantes abstencionistas, como chamam os socialistas.

E nós, que de alto e desapaixonadamente os estamos vendo a todos, fazemos-lhes um adeus discreto e gentil, desejando-lhes, a todos, um feliz êxito e agradecendo antecipadamente os favores que nos querem prestar.

Mas no meio de tudo isto põe-se a gente a pensar que rebolico não iria por aí se nós transigíssemos em atraíção a tática e os princípios abstencionistas que o operariado deste país, de congresso para congresso, vem afirmando e ratificando.

Imaginemos um pequeno desvio. Passava-nos pela cabeça um mau vento — e zás! começávamos a gritar daqui ao operariado:

— E' votar nos "canhotos"! Qual sindicato! qual organização económica nova! qual luta de classes! Os "canhotos" é que nos vão salvar. Votemos, camaradas, em nome da revolução social!...

— Traidores, gritavam os socialistas. — O partido operário por excelência é o nosso. Os anarco-sindicalistas venderam-se aos "canhotos".

E seria a derrocada, porque a súbita loucura dos militantes constituiria um desastre moral que abalaria a organização operária nos seus alicerces; os "canhotos" pouco ganhariam com isso porque uma força eleitoral, com Antónios Marias a manobrar, com roubos de cadernos eleitorais, com mil e um *trucs* do partido democrático, não se organizaria de pé para a mão.

Os partidos da esquerda ganhariam alguns votos, mas a C. G. T. passaria a ser um fantasma (porque a sua força provém da sua abstenção) e não seria o organismo capaz de agir no campo económico nem

de coadjuvar, pelos seus processos próprios, pela sua acção directa e independente, qualquer iniciativa simpática que porventura um desses partidos quizesse empreender. Sem uma C. G. T. forte e independente, no quadro social desta pobre terra, não haverá um único partido da esquerda política que encontre ambiente propício a agir e a viver.

Dentro do seu estreito sectarismo, estes chamados partidos da esquerda não reparam que o engrandecerem-se à custa da organização operária não lhes traz vantagens apreciáveis — apenas lhes traz prejuízos.

Todas estas facções esquerdistas oferecem maravilhas que se equivalem. Aceitá-las dos comunistas é fazer uma descondição aos socialistas e aos "canhotos"; aceitá-las dos socialistas é duvidar das outras duas — e assim sucessivamente. Aceitá-las de todos, seria uma balbúrdia incompreensível. Portanto, senhores esquerdistas, temos por todos uma grande estima, uma grande simpatia, a pesar dos dos nomes feios que nos tendes chamado... mas não queremos contribuir para a desunião da família portuguesa...

São bons os vossos elixíres? aplicai-os. E' grande a vossa força? Melhor, escusais de vir pedi-la emprestada à C. G. T. que, nas vossas opiniões contraditórias, não pode com uma gata pelo rabo, ora é a maior força organizada do país. E' grande o desinteresse que colocais na vossa vontade de servir as classes trabalhadoras, que tudo merecem segundo dizeis na vossa propaganda eleitoral? Melhor ainda: não precisa pois, o vosso desinteresse dos votos do povo trabalhador.

A C. G. T., como legítima representante da classe operária, confia sinceramente nesse desinteresse quando subirdes as cadeiras de São Bento — mas não vota em nenhuma facção política. Para que havemos de ofender com o nosso voto criaturas que nos merecem a maior consideração?... Conservemos a santa amizade que a todos envolve num fraternal abraço...

Notas & Comentários

A. B. C.

O número desta semana do A. B. C., além duma desenvolvíssima reportagem fotográfica sobre as tão faladas Festas dos Mercados, insere entre outros os seguintes curiosíssimos artigos:

Ao telefone, por Beatriz Delgado: A greve dos intelectuais; Miragem de Amor, por Aurora Jardim Aranha; Humor, por Camara Lima; A cidade dos monumentos... em projecto; A Peregrina do Mundo Novo, novela por Ferreira de Castro; Uma entrevista com o pai de Sherlock Holmes, por Reynaldo Ferreira, etc., etc.

A nova receita

O nosso amavel colega O Mundo, como lhe tivessem subido as eleições à cabeça, convenceu-se de que para a cura de todos os males de que enferma o país um só remédio existe — votar nos esquerdistas. As batatas estão caras? Votem na lista dos "canhotos". A policia espanca operários? Votem nos "canhotos". Os hospitais não têm dinheiro? Votem nos esquerdistas. Os patrões não respeitam o horário de trabalho? Votem nos "canhotos". Senão... queixem-se... Agora, que os industriais de lanifícios pretendem aumentar os preços da mercadoria, O Mundo recomenda o remédio milagroso: votem nos "canhotos". Tanta receita! Oxalá o enfermo não morra da cura, já que da doença, ou melhor ou pior, sempre vai escapando...

Presos envenenados!

Na Penitenciária, os reclusos estão condenados a comer pão excremental. E' a Manutenção Militar quem abastece aquele estabelecimento penal.

E' fácil de concluir que a Manutenção Militar supõe que pode mandar para a Penitenciária toda a espécie de mixórdias, na suposição de que ninguém se interessa pela sorte dos reclusos. Esquecem-se de que a verdade pode atravessar as grades dumha prisão. E a verdade é que a Manutenção Militar está envenenando os presos, o que nos leva a duvidar se aquele estabelecimento é dirigido por um indivíduo normal ou por um criminoso. A não ser que se considere um envenenador como uma pessoa cheia de dignidade e dotada de bom coração.

O conflito da Síria

PARIS, 29. — As autoridades francesas da Síria desmentem categoricamente, que tenham feito evacuar as mulheres e crianças de Damasco, e assinalam que presentemente estão regressando alguns habitantes que tinham fugido.

O SUPLEMENTO DE "A BATALHA"

Teatros, L.^a — Direcção artística de
9300 HENRIQUE SARTORI

ERNO — Espectáculo inteiro

As suas mostras Vilipe Duarte e Nicolino Milanes

IRISMO

Alves (Boa Vida) e Eulherme Campers (Bob)

da, Ricardina Maia, Viana de Sousa, Maria Emilia,
Ladith, etc. — Artur Rodrigues, Alfredo Henriques,
Dubini. — Direcção musical de ALVES COELHO.

Raul Campos e Rauldo Martins. — Cadeiras de

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE OUTUBRO

Table with 4 columns: D., S., T., Q. and dates 1 to 31. Includes 'HOJE O SOL' and 'FASAS DA LUZ'.

Table with 2 columns: Mares de Hoje and values for Praia and Baixamar.

CAMBIO

Table with 3 columns: Países, Compra, Venda. Lists exchange rates for various locations like Londres, Madrid, Paris, etc.

ESPECTACULOS

Teatros: Nacional, São Carlos, etc. Cinemas: Tivoli, Olympia, etc. Listings of plays and films.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Advertisement for matches with various brand names like União, etc.

LIMAS NACIONAIS

Advertisement for national files, mentioning quality and variety.

Edições SPARTACUS

List of publications by Spartacus, including 'O Amor e a Vida', 'A Crise Económica', etc.

"Educação Social"

Information about the 'Educação Social' journal, its editor, and subscription details.

A todos os sindicatos operários do país

Text explaining the purpose of the questionnaire: to collect data on unions for a directory.

QUESTIONARIO

Form fields for union details: Título do Sindicato, Sede, etc.

Form fields for founding date: Data da fundação: dia, de, do ano de.

Form fields for school type: Tem escola? Para crianças? Para adultos?

Form fields for population: População associativa: homens, mulheres.

Form field for branch location: Mais sindicatos instalados na sua sede.

Form field for local titles: ou na mesma localidade (freguesia ou concelho): Títulos e sedes.

Form field for union speciality: Sindicatos da mesma especialidade ou indústria noutras terras do país: Títulos e sedes.

Form field for union speciality: A's duas últimas perguntas basta que se indiquem os sindicatos que não estejam federados...

Form field for union speciality: Este questionário deve ser cortado e depois de preenchido enviado em envelope aberto...

Form field for union speciality: Este questionário deve trazer o carimbo do sindicato.

Form field for union speciality: Serviço de livreria de A BATALHA.

Form field for union speciality: FOLHETOS.

Form field for union speciality: Eliseu Reclus - Anarquia e a Igreja.

Form field for union speciality: José Prat - A burguesia e o proletariado.

Form field for union speciality: A necessidade da Associação.

Form field for union speciality: Content - Contra o confusãoismo.

Form field for union speciality: Alfredo Neves Dias - Razão (poema social).

Form field for union speciality: Landauer - Social Democracia.

Form field for union speciality: R. Mela - O princípio do fim.

Form field for union speciality: A maçonaria e o proletariado.

Form field for union speciality: J. Most - Peste religiosa.

Form field for union speciality: J. R. Trovas da noite.

Form field for union speciality: Definições sociais.

Form field for union speciality: O Cavadro (teatro).

Form field for union speciality: Horas anárquicas (versos).

Form field for union speciality: Carnet de Pensamento.

Form field for union speciality: J. Bakunine - No sentido em que somos anarquistas.

Form field for union speciality: Chueca - Como não ser anarquista.

Form field for union speciality: B. Lazaro - A liberdade.

Form field for union speciality: J. Etrevant - A minha defesa.

Form field for union speciality: Kropotkin.

Form field for union speciality: A sociedade.

Form field for union speciality: Os bastiões da guerra.

Form field for union speciality: Moral anarquista.

Form field for union speciality: O espírito revolucionário.

Form field for union speciality: J. Guedes - Lei dos Salários.

Form field for union speciality: Brand - A greve geral.

Form field for union speciality: Roland - Rússia Nova.

Form field for union speciality: O sindicalismo e os intelectuais.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Text about the directory project, its goals, and the role of unions.

Advertisement for 'SENHORAS' medicine, claiming to cure various ailments and improve fertility.

Advertisement for 'CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL', offering technical services and construction advice.

Advertisement for 'Companhia Nacional de Navegação', listing shipping routes and schedules.

Advertisement for 'CLINICA DO CHIADO', specializing in venereal diseases.

Advertisement for 'FABRICA de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento', listing products and contact information.

Article titled 'O MISTÉRIO DA PAIXÃO DE JOANA DARC' by Carlos o Louco, discussing the legend of Joan of Arc.

Article titled 'O MISTÉRIO DA PAIXÃO DE JOANA DARC' (continued) by Carlos o Louco, discussing the legend of Joan of Arc.



Os refinadores de açúcar do Porto estão numa situação angustiosa e o ministro do trabalho nem resposta lhes dá

A Associação de Classe dos Operários Refinadores de Açúcar enviou para o ministro do Trabalho uma representação acerca da prejudicialíssima indústria mecânica de trituração e moagem de açúcares. Apesar dos termos correctos e da argumentação serena em que o citado documento ia redigido, o ministro do Trabalho não teve aquela gentileza própria dum ministro respeitador das leis do país e dos mais rudimentares princípios de urbanidade: não se dignou ainda dar a mínima resposta ao officio-representação que lhe fora enviado — talvez devido ao presente «maremagnum» do lodo eleitoral.

E, todavia, trata-se de um assunto de transcendente importância: cuida-se da saúde pública e do agravamento da crise de trabalho.

As fábricas de refinação de açúcar estão quasi na sua totalidade paralisadas. Isto quer dizer que uma classe composta de centenas de criaturas está condenada à inanición e, por consequência, a perecer na miséria.

A culpa desta situação tristíssima é atribuída às autoridades competentes cá do burgo.

As autoridades estão mancomunadas com os industriais da mecânica trituradora e moedora da rama de açúcar. Esta perigosa indústria, portanto, desenvolve-se assustadoramente com o consentimento descarado das autoridades sanitárias e administrativas desta cidade. A percentagem diária só duma casa da rua Escrita, anda por 65 sacos de açúcar triturado e moído.

Havendo uma infinidade de casas de moagem de açúcares, imaginem que quantidade de açúcar impuro existe nesses estabelecimentos...

E dizemos impuro, impróprio para consumo, não só porque sabemos que os açúcares que vão à moagem se juntam espécies farinhentas e certos detritos para maior avolumação do produto—embora ele seja vendido ao público como se fosse refinado—mas também porque nos fundamentamos nas razões das análises oficiais que deram origem e perificação a três decretos que proibiram terminantemente a trituração e moagem dos açúcares, cujas penalidades são avultadas. E num desses decretos estampados no *Diário do Governo*, figura o nome do dr. sr. Ricardo Jorge.

Apesar, porém, das leis promulgadas sobre o assunto e das ordens especiais de recomendação dimanadas da direcção geral da saúde pública—ninguém quer saber do incremento que a indústria mecânica da trituração e moagem de açúcares está tomando contra o povo, e isto em homenagem ao revigoramento da raça e ao auferido atufamento dos cofres do mercantilismo feroz.

Numa república de immoralidades como a nossa, não há a esperar outra coisa...

A Associação dos Operários Refinadores de Açúcares, vendo o sério perigo que a sua classe atravessa, resolveu: enviar um telegrama ao sr. ministro do Trabalho, convidando-o a acordar, a responder à representação que lhe foi enviada e a dar ordens terminantes às autoridades competentes para que cumpram fielmente as leis; officiar a delegação de saúde do Porto, reclamando-lhe o necessário desempenho das suas funções de higiene e sanidade, dirigindo-se às diversas fábricas e oficinas da indústria de açúcares que «estão transgredindo as leis proibitivas dos açúcares triturados e moídos»; ir junto do chefe do distrito, «com o fim de lhe explicar a razão de ser» das suas «reclamações já traduzidas em decretos e portarias da República»; ir a classe amanhã, 29 do corrente, em massa às redacções dos jornais lavar o seu veemente protesto, «se até lá não obtiver uma resposta condigna e justa do sr. ministro do Trabalho e das autoridades sanitárias».

Mas como a nojenta barafunda das eleições preocupa, neste momento, sobremaneira as altas esferas dirigentes—o ministro continuará possivelmente a não dar acôrdo de si, bem como possivelmente também as autoridades sanitárias do Porto persistirão em estar vendidas aos industriais da trituração e moagem dos açúcares...

C. V. S.

Aos nossos correspondentes

AVISO IMPORTANTE

Para boa regularização dos serviços do nosso jornal e maior facilidade de desempenho da missão dos nossos presados colaboradores, resolvemos substituir os velhos cartões de correspondente por uns cartões novos, que terão apostos a um canto a respectiva fotografia, reconhecida pela nossa chancela. Os novos cartões são revogáveis de ano para ano e estes servirão para 1925-26.

Convém-nos fazer uma substituição imediata, pelo que solicitamos aos nossos colaboradores e amigos se dignem enviar-nos os antigos cartões, acompanhados de duas fotografias pequenas, das quais uma ficará para um registo indispensável ao nosso serviço e a outra voltará, como atrás referimos, colada no cartão.

Esperando da atenção de todos a satisfação imediata desta imprezível necessidade, sauda-vos

A DIRECÇÃO

As estradas de Moçambique

Foi aprovada a verba 1300 contos para as estradas do distrito de Quelimane, 700 contos para as de Tete e 2000 contos para os serviços de assistência aos indígenas no distrito de Mocimboa.

AS GREVES

Quadro tipográfico de «A Epoca»

Arranjando traidores

GUARDA, 28.—Sabemos de fonte segura que têm sido feitos convites aos tipógrafos desta cidade para irem trabalhar para *A Epoca*. Há um rapaz que trabalha no jornal *A Guarda*, de que é proprietário o actual administrador das *Novidades*, a quem prometeram um lugar em Lisboa.

O Figueiredo de *A Epoca* esqueceu-se das patifarias que praticou durante o tempo que esteve nesta cidade, perseguindo constantemente os operários a ponto do cônego Fernando o pôr na rua por ser impossível mantê-lo na sua oficina, vendo-se obrigado a ir para a capital e arranjar o lugar de chefe de *A Epoca*, onde tem enriquecido e continuando nos seus instintos de malvadez a perseguir aqueles que trabalham.

E preciso não esquecer o que ele fez por cá. Estamos convencidos que nenhum tipógrafo se prestará ao papel de traidor, e duvidamos até que o tipógrafo de *A Guarda* José Martins seja capaz de ir trair os seus colegas de Lisboa.

E tal a fúria de arranjar pessoal, que, sem consideração pelo cônego Pais de Figueiredo, e demais sendo um jornal católico, como o é *A Guarda*, não haja a repugnância da parte da empresa de *A Epoca*, procurando ludibriar com falsas promessas os tipógrafos empregados neste jornal.

Possuímos informações de que o Figueiredo gabyava de o cônego Figueiredo o ter convidado para dirigir o jornal *Novidades*, quando temos a certeza de que o cônego não caíra em tal porque o conhece de gineira. Levamos a crer que a empresa de *A Epoca* tivesse acreditado no gabapola e portanto se queira vingar, fazendo ao cônego Fernando o mesmo. O fargante do Figueiredo mentiu como sempre.

Faremos a diligência por que o José Martins não vá para Lisboa.—C.

Os carolas leitores da *Epoca*, andam numa azáfama em busca de «amarelos» que traiam a greve do quadro tipográfico. Nesta função têm-se evidenciado um ferrageiro estabelecido lá para as bandas de São Paulo. Os grevistas, porém, não esmorecem e contam já também com a solidariedade dos vendedores de jornais do Porto que, à semelhança dos seus camaradas de Lisboa, se recusam a fazer a venda do órgão católico.

A administração do *Correio da Manhã* chamou ontem a direcção da Associação dos Vendedores de Jornais, para lhe comunicar que desconhecia os motivos por que o chefe da venda está prejudicando os vendedores e garantiu que iria dar providências.

Para distribuir subsídio aos grevistas da *Epoca* que assim o desejem, abre uma inscrição hoje, das 17 às 18,30 horas.

Prossegue a dos tanoeiros de Gaia

VILA NOVA DE GAIA, 28.—Os operários tanoeiros voltaram a reunir para apreciar o relatório do delegado que fez parte da comissão mista de operários e industriais-exportadores, comissão que tinha por fim rever a legislação sobre cascaria de torna-viagem.

Do resultado desta reunião se verificaria se a greve dos tanoeiros—que como noticiamos foi suspensa há dias—devia prosseguir ou terminar.

Afinal do resultado da reunião saiu o prosseguimento da greve. A assembleia reconheceu que os exportadores pretendiam cercar as justas reclamações, pelo que a greve prossegue com o ardor do primeiro dia.—C.

A das chacinheiras de Aldegalega continua corajosamente

ALDEGALEGA, 29.—A greve das chacinheiras, que com valentia se iniciou há um mês, prossegue com o ardor do primeiro dia. As grevistas mais do que nunca as animam o desejo de só voltarem ao trabalho quando sejam atendidas as suas reclamações.

E tanto assim é que algumas das mulheres que estavam traidoras a greve abandonaram o trabalho. Este facto enche-nos de orgulho por verificarmos que o «amarelo» é cor que já não se dá muito com a nossa época. Da atitude das grevistas começa a verificar-se o efeito. Alguns industriais já prometem \$85. Com mais um pouco de energia atenderão o resto.—C.

Secção Telegráfica

Federações

VINÍCOLA

Secção Federal do Norte.—Recebemos officio e segue resposta.

DO LIVRO, DO JORNAL E SIMILARES.

Conselho inter-federal.—Segue expediente.

Doença súbita

Ao Hospital do Régo recolheu, sob prisão, Abílio Domingos das Neves, de 28 anos, natural de Lisboa, empregado bancário que adoeceu súbitamente na Cadeia do Limoeiro, onde se encontrava recluso.

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa ótima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonzo, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 4\$000.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 1\$500.

Pedidos de colecções, ou envio dados para encadernação, à administração de *A Batalha*.

A honradez de alguns lavradores de Alpiarça

VALE DE CAVALOS, 28.—Os ricos lavradores de Alpiarça António José Gouveia Coutinho, José Rodrigues da Silva e Joaquim Duarte Barreira possuem nesta freguesia algumas propriedades. Para os trabalhos de vindima das mesmas, alguns empregados daqueles senhores vieram em princípio de Agosto a esta localidade contratar algumas «mulheres vindimeiras». No contrato ficou estabelecida a jorna de \$800 que pareceu exagerado aos seus patrões.

No entanto a vindima começou e ao cabo duma semana de tarefa pretendia-se pagar aquelas mulheres apenas a 6000 diários ao que elas se recusaram por isso ser a fiel transgressão do contrato.

O protesto das mulheres valeu-lhe estar até à data sem receberem as jornas, pois os lavradores delegam nos contratantes o pagamento dos \$800 diários.

Porque esta situação não podia perdurar, as vítimas dirigiram-se ao administrador do concelho para que esta autoridade conseguisse que fosse respeitado o contrato.

Em virtude da reclamação foram levantados os respectivos autos contra os contratantes e, a pesar de passados oito dias, ainda ressonam na administração enquanto as pobres mulheres esperam que se cumpram as formalidades da lei.

Se é lamentável a atitude das autoridades, outro tanto sucede com os interessados que apenas na taberna têm energia para apreciar o assunto.—E.

Presos a morrer de fome

Da esquadra do pátio D. Fradique escrevem-nos o irmão Joaquim Clemente, que há cinco meses se encontra detido, para nos dizer que ali não lhe fornecem alimentação nem dinheiro com que a possa comprar. Se persistir esta situação o referido preso não resistirá, pois não tem condições financeiras para vencer o regime a que bárbaramente foi condenado.

Esta «democracia» com os seus crimes já não tem, por certo, salvação possível...

Comissão pró-presos por questões sociais

Encontra-se em poder desta comissão um lindo quadro feito, em cortiça, por três camaradas corticeiros, que é um trabalho verdadeiramente artístico e de valor.

Esta comissão resolveu, de acôrdo com aqueles camaradas, rifar o dito quadro em 5000 bilhetes sorteados pela lotaria do Natal, sendo uma parte do produto para remunerar o seu trabalho e o restante para reverter em auxílio dos presos por questões sociais.

Na próxima semana começa a ser feita a passagem dos bilhetes e serão anunciados os locais onde se encontram à venda.

Esta comissão resolveu apelar para todos os sindicatos para prestarem o seu auxílio na passagem dos bilhetes, assim como a todos os camaradas que o queiram fazer prestando, desta maneira, uma grande obra de solidariedade em prol daqueles que sofrem as agruras da prisão.

O custo de cada bilhete é de \$100.

Rendimentos dos operários

Na enfermaria de Santo António, do hospital de São José, deu entrada José Maria Baptista, de 49 anos, natural da Covilhã, ajudante de fogueiro na fábrica de electricidade Tejo, residente na Travessa da Silva, 7, o qual na mesma fábrica foi atingido pela chama duma fôrma, ficando muito queimado no rosto e mãos.

—A mesma enfermaria recolheu Manuel Abreu, de 35 anos, descarregador, natural de Góis, residente no largo de São João da Praça, 26, 3.º, que foi colhido por um balde de carvão a bordo de um barco fundeado no cais da Alfândega, ficando ferido na cabeça.

SOLIDARIEDADE

Pró-Maria do Carmo

Promovida pelo grupo dramático «Os Solidários» e com o concurso do grupo «Estrêla» realiza-se no sábado 7 de Novembro uma grandiosa festa em homenagem a Maria do Carmo, companheira do operário do mobiliário Vitor Tabanheira, que há meses luta com uma pertinaz doença.

A festa que terá lugar no Centro Socialista de Lisboa consta da representação do drama «O bombeiro voluntário», da comédia «Vossa Excelência Desculpe...» e dum empolgante acto de variedades.

Os bilhetes podem ser procurados a Henrique Mendes, travessa do Arco da Graça, 24, 2.º-D.

Pró-Carlos Sousa

A favor de Carlos Sousa, que se encontra há muito impossibilitado de trabalhar, devido a uma grave doença, realiza-se no próximo domingo, pelas 15 e meia horas, no Sindicato Único Metalúrgico, rua da Esperança, 122, 2.º, uma interessante festa, cujo programa é o seguinte:

1.ª parte: Variações de fado pelo destro guitarrista Casimiro Pinóia e o seu viola Alexandre Ribeiro e Canções populares pelos poetas populares Pedro da Silva e Anibal Duarte.

2.ª parte: Canções nacionais pelos cultivadores Lino de Almeida, Joaquim de Lima, Artur Pinha, Artur Ataíde, António Leote, Filipe de Almeida, David Costa, Paulo Coimbra, Joaquim Ramiro em dueto com Luis Rodrigues.

3.ª parte: Trechos musicais pela troupe Bandolinistas «Os Alegres».

4.ª parte: Continuação de canções pelos cultivadores Eduardo Gomes, António Oteio, Henrique Ferreira, Carlos Vieira, António Lagos, Eugénio Maranhão e Pedro Ferreira.

Os acompanhamentos serão feitos pelos distintos dedilhadores Casimiro Pinóia, Alexandre Ribeiro, Joaquim de Almeida e Filipe de Almeida. Dirige esta festa o cultivador Eduardo Gomes.

Carlos Sousa, o homenageado, ofereceu à redacção de *A Batalha* 10 bilhetes para serem vendidos a favor dos deportados na Guiné.

«A BATALHA» No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

O honrado comércio resolve as suas questões à bomba e depois afirma que os operários são bombistas

Do *Jornal de Notícias* do Porto, de anteontem, transcrevemos a seguinte locução:

«Plena manhã, quasi meio dia, explodiu um extraordinário fragor uma bomba na rua do Póço das Patas, 37. A bomba, de grande potência, fôra colocada na caixa do correio. Ao explodir, despedaçou a porta e o «cofrete» da electricidade, incendiando os fios. A omebreira e soleira ficaram também muito avariadas.

O prédio atingido é habitado pelo proprietário, sr. Artur Roque da Cunha, tendo nas traizelas os escritórios da fábrica de «bonnets» da firma Manuel José Soares & Taveira. A sede da fábrica é na rua das Oliveirinhas.

* * *

As causas do atentado? A firma Soares & Taveira deve ao sr. Manuel da Costa, da Praça da República, uma quantia relativamente elevada—cerca de 3 contos. Há dias que o sr. Costa insistia pelo pagamento dessa importância, mas os srs. Soares & Taveira, alegando a má situação financeira que o comércio atravessa, pediram que o pagamento se fizesse em prestações. Parece que o sr. Costa não concordou com a proposta. Um intermediário surgiu então junto dos srs. Soares & Taveira a reclamar, em nome do sr. Manuel da Costa, essa importância. A reclamação era sempre feita em termos imperativos e bruscos. Há tempos os srs. Soares & Taveira receberam uma carta ameaçadora, reclamando esse dinheiro. A carta trazia numa das margens, pintada, uma caveira e dois fúnebres.

Anteontem a firma recebia nova carta—com ameaça igual e igual caveira.

A hora da explosão o sr. Manuel de Castro saía do escritório, em direcção à baixa, onde tinha a fazer determinada operação bancária. Ouvia ainda o estampido, voltou-se, e, num mau presentimento, dirigiu-se ao prédio 37 da rua do Póço das Patas. Chegou a tempo de ver os destroços—e de compreender o significado das duas cartas enviadas...

* * *

O delegado da Polícia de Segurança do Estado, sr. Alexandre Coimbra, compareceu logo no local, acompanhado do agente Tavares Silva, procedendo ao exame directo. A polícia da Segurança possui todos os elementos para descobrir o autor do atentado.

São capazes de descobrir que afinal a bomba foi lançada pela «Legião vermelha»...

* * *

O delegado da Polícia de Segurança do Estado, sr. Alexandre Coimbra, compareceu logo no local, acompanhado do agente Tavares Silva, procedendo ao exame directo. A polícia da Segurança possui todos os elementos para descobrir o autor do atentado.

São capazes de descobrir que afinal a bomba foi lançada pela «Legião vermelha»...

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Alondra» são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Las Palmas, e por via do Funchal para a África Austral, Cabo da Boa Esperança, Elisabeth e África Oriental, sendo da Caixa Geral a última tiragem da correspondência às 13 horas e para as registadas recebe-se até às 11 horas.

CAMARA MUNICIPAL

O tratamento dentário às crianças das escolas

Reúnem-se amanhã a Comissão Executiva da Câmara Municipal de Lisboa.

Por proposta do vereador sr. Alfredo Guizado, foi dada à rua do topo norte do Campo Grande o nome de António Stromp, um dos maiores atletas portugueses, falecido há anos. Por proposta do vereador sr. Alexandre Ferreira, a travessa de Santa Gertrudes passou a ser rua dr. Teófilo Braga e uma das novas artérias de Lisboa chamar-se há rua ou avenida actor João Rosa.

Foi aprovado por unanimidade que as ossadas do republicano José Marques de Azevedo, que se encontram no cemitério do Lumiar, seja colocada numa cobertura de mármore.

O presidente da Comissão Executiva, sr. dr. Marques da Costa, também apresentou a seguinte proposta:

«Considerando que a população escolar das escolas municipais sofre graves prejuízos no seu desenvolvimento físico e intelectual, por falta de higiene e tratamento dentário;

Considerando que a remoção desses perigosos obstáculos ao robustecimento das populações é obtida em todo o mundo pelo funcionamento de clínicas escolares estomatológicas;

Considerando que o abandono a que são votadas entre nós as afecções bucaes, constitui um grave perigo para a saúde pública, cujo combate se impõe;

Considerando que um conjunto de circunstâncias favoráveis torna possível e económica a instalação duma clínica escolar estomatológica para assistir a população das escolas municipais; Propõem:

Que seja criada uma clínica escolar estomatológica para diagnóstico e tratamento das afecções da especialidade, existentes na população das escolas municipais, ficando a sua instalação e funcionamento a cargo da Repartição de Higiene, nos termos do parecer do respectivo chefe de Repartição».

Esta proposta foi aprovada por unanimidade, devendo subir à apreciação definitiva da Câmara.

INSTRUÇÃO

Novas escolas primárias

Foram criadas escolas de ensino primário geral: em Sermoeira da Gândara dos Olivais, freguesia de Marrazes, concelho de Leiria; em Ordem, Marinha Grande; em Negrais, freguesia de Almargem do Bispo, Sintra; em Ribeira de Freixo, freguesia de Souto Maior, Trancoso; em Gaifanha do Carmo, Ilhavo, para ser instalada no edifício doado por José Cândido Ferreira Jorge, e em Contim, Montalegre, para ser igualmente instalada no edifício doado ao Estado pela Junta de freguesia, devendo ser nomeada para a sua regência D. Virgínia do Nascimento Fernandes.

VIDA SINDICAL

C. S. T.

Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão instaladora, para dar posse ao secretário geral nomeado na última reunião do conselho e tratar de vários assuntos.

COMUNICAÇÕES

S. U. Metalúrgico.—Secção do Póço do Bispo.—Reuniu a Comissão Administrativa que resolveu sobre vários expedientes em trânsito.

Tomou conhecimento, por intermédio dos seus delegados, dos assuntos ventilados na reunião conjunta das comissões das secções e da Central. Sobre um pedido desta Comissão para que lhe fosse arbitrária qualquer quantia a fim de poder contribuir com a parte que lhe coubesse em melhoramentos a efectuar na sede, melhoramentos estes a levar a efeito por todos os organismos nela instalados, esta Comissão resolveu não se conformar com a resolução da C. A. da central, resolvendo não arbitrar qualquer quantia e aguardar o próximo balanço trimestral a fim de avaliar da justiça de tal resolução.

Sobre a saída dum próximo manifesto à classe sobre a baixa de salários e crise de trabalho, resolveu contribuir com todas as suas forças para o êxito das sessões nela mencionadas.

Resolveu também convidar os camaradas que têm livros da biblioteca desta secção, a vir entregá-los todos os dias das 20 às 23 horas, pôsto que, pelo resolvido por esta Comissão, a leitura dos mesmos passa a ser feita unicamente numa das salas desta secção. Outro sim resolveu convidar todos os camaradas, especialmente os jovens, a frequentarem esta biblioteca.

S. U. da Construção Civil.—Secção do Alto do Pina.—Reuniu anteontem a assembleia geral, resolvendo contribuir com 200 escudos para os melhoramentos da sede. Aprovou um protesto contra as deportações, resolvendo enviar um telegrama neste sentido ao presidente do ministério.

Federação Têxtil.—Reuniu pela primeira vez para tomar posse dos seus cargos a comissão administrativa, tendo resolvido adquirir todo o material indispensável ao seu funcionamento interno e estabelecer, o mais rapidamente possível, relações com os seus sindicatos congêneres e com a restante organização operária do país.

Apreciando também a constituição dum Sindicato Têxtil, em Delães, e outro em Crestuma, Lever e arredores, resolveu saudá-los, em officio, e incitá-los a que prossigam na luta em prol das suas reivindicações.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM-SE HOJE: Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares.—Pelas 18,30 horas, o Secretariado para compilação dos trabalhos aprovados no Congresso.

Corticórios de Lisboa.—A assembleia geral, às 19 horas, para apreciar a resolução do Conselho Federal sobre baixa de salários.

Pessoal de Câmaras Navegação de Longo Curso.—Reúne em assembleia geral, pelas 19 horas, para tratar dos seguintes assuntos: Apreciação, discussão e aprovação dos estatutos do novo organismo federativo; e apreciação duma reclamação pendente nos T. M. E.

Tanoeiros.—A assembleia geral, às 19 horas.

S. U. Metalúrgico.—Todos os delegados de fábricas e oficinas, cobradores e delegados das secções, pelas 19 horas, a fim de levarem manifestos do Sindicato e distribuírem-nos por toda a classe, sócios e não sócios.

Federação do Livro, do Jornal e Similares.—O Secretariado, às 18 horas.

S. U. da Construção Civil.—Secção do Alto do Pina.—Reúne, pelas 20 horas, a comissão administrativa juntamente com a comissão de melhoramentos pró-sede.

Comissão Mista de Propaganda Sindical do Alto do Pina.—Reúne, pelas 20 horas.

Pintores da Construção Naval e Anexos.—A comissão administrativa, pelas 20 horas, com a presença de José Nunes de Castro.

DIAS PRÓXIMOS: Federação Mobiliária.—Realizando-se hoje a assembleia magna do S. U. Mobiliário de Lisboa, que devido a sua importância não deve ser prejudicada, não se realiza hoje a reunião do Conselho Federal a qual fica para a próxima terça-feira.

Enfermeiros e Enfermeiras da Região do Sul.—Reúne amanhã a assembleia geral com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Trabalhos a apresentar ao Congresso de Saúde; 2.º Situação de vários sócios; 3.º Assuntos diversos.

SINDICATOS DA PROVINCIA Mineiros de São Domingos.—Perante uma regular assistência, Valentin A. João deu início aos trabalhos da sessão, ilucidando, em nome da direcção, dos factos que marcaram para a vida do Sindicato como uma prova segura da sua progressividade ao contrário do que supunham determinados indivíduos, que de há muito vêm fixando prazos para a vida deste organismo. A receita durante o 3.º trimestre—diz—começa a ressonar-se como não podia deixar de ser dos efeitos da grande crise na indústria, porque muitos operários que ainda depois de despedidos quiseram continuar pagando as suas cotas já sentem a impossibilidade de continuar pagando porque em toda a parte lhes dizem: «Não há trabalho».

Continua—diz—o coacção que sobre a classe exercem os potentados da Empresa, e de mistura com o comodismo, ainda contribui grandemente para que muitos operários não venham ao Sindicato como é seu desejo e a provar o que diz está o facto de, há momentos, operários da mina não sindicados lhe pedirem licença para assistir a esta sessão, mostrando que com satisfação estariam dentro do Sindicato. Mas eram ameaçados indirectamente pelos respectivos chefes.

Também a muitos operários ainda falta o conhecimento de que o capital e o trabalho se chocam continuamente numa luta sem tréguas.

Depois de passar em análise o movimento geral do Sindicato durante o 3.º trimestre, diz:

Agora que todos os camaradas conhecem os esforços por todos nós dispendidos em prol do progresso da nossa ins-

tuição resta que esperanças num futuro mais feliz que todos nós almejamos, trabalhemos para adquirir sempre uma noção mais clara dos males de que enferma a humanidade e suas causas. Esse conhecimento ser-vos há ministrado pelos bons livros que a nossa biblioteca já possui e outros que havemos de adquirir.

Terminando: O primeiro passo para a realização da obra grandiosa que o nosso sindicato desde o seu início perfilhou vai dar-se, é a criação da «Biblioteca dos Mineiros».

De entre os presentes é nomeada uma comissão revisora de contas, tendo em seguida o presidente, em nome da direcção, alvitado a constituição de uma aula para as crianças, dando do sindicato. Esta ideia unanimemente aceite, é aclamada pelos assistentes. Usaram ainda da palavra dois operários, tendo um deles apresentado uma proposta de carácter administrativo que foi aprovada por aclamação, com um aditamento da mesa da sessão. O outro operário depois de pedir explicações sobre actos de solidariedade aos despedidos e suas famílias, afirma a sua convicção sindicalista que mantém mesmo através dessa Espanha «riverista», que atravessou na sua quasi metade, sofrendo as agruras dos sem trabalho.

Terminada a sessão é constituída de novo a mesa, tendo sido novamente indicado para presidir o secretário geral do sindicato.

Manifestando o seu regosio por estarem presentes grande número de operários que uns após outros vêm chegando, diz-se satisfeito, tal como os mineiros devem estar, visto podem saudar aqui, nas pessoas dos camaradas José Guerreiro Cambado e Marcelino Gonçalves, os trabalhadores organizados da cidade de Beja. Estes camaradas vêm confirmar que os mineiros não estão na luta ainda há pouco por nós empreendida.

Ainda aqui destes camaradas também se deve ao facto de alguém ter dito que os operários